

A migração cubana para Montreal: experiências heterotópicas e criação de formas de vida¹

Migración cubana a Montreal: experiencias
heterotópicas y creación de formas de vida

Cuban migration to Montréal: heterotopic
experiences and creation of life forms

ELISA BEATRIZ RAMÍREZ HERNÁNDEZ², ÂNGELA
CRISTINA SALGUEIRO MARQUES³

Resumo: O objetivo deste texto é mostrar como a experiência dos migrantes cubanos em Montreal se constitui a partir de uma teia de relações de espaços socioculturais, temporalidades e memórias que convivem, se combinam e se conectam de maneira heterotópica. São analisadas as heterotopias formadas nos processos de escritura e amizade em um restaurante cubano em Montreal e no próprio corpo de um imigrante, que carrega tatuagens acerca de um imaginário migratório comum. Partimos do pressuposto de que os espaços heterotópicos podem ser transformadores no sentido de que os migrantes cubanos mostram como eles definem suas coordenadas de vida e suas práticas de reexistência, mesmo em meio a vários constrangimentos.

Palavra-chave: experiência; heterotopia; migração; Cuba; Montreal.

Resumen: El propósito de este texto es mostrar cómo la experiencia de los migrantes cubanos en Montreal se constituye a partir de un entramado de relaciones de espacios socioculturales, temporalidades y memorias que conviven, se conjugan y conectan de manera heterotópica. Se analizan las heterotopías formadas en

¹ Este trabalho contou com apoio do CNPq, da Fapemig e da CAPES.

² Doutora em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: elisabeatriz88@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora do Programa de Pós-Graduação da UFMG. Pós-doutora em Comunicação pela Université Stendhal, Grenoble III. E-mail: angelasalgueiro@gmail.com

los procesos de escritura y amistad en un restaurante cubano de Montreal y en el cuerpo de una inmigrante, que porta tatuajes sobre un imaginario migratorio común. Partimos del supuesto de que los espacios heterotópicos pueden ser transformadores en el sentido de que los migrantes cubanos muestran cómo definen sus coordenadas de vida y sus prácticas de reexistencia, incluso en medio de diversas condicionantes.

Palabras clave: experiencia; heterotopía; migración; Cuba; Montreal.

Abstract: The aim of this paper is to show how the experience of Cuban migrants in Montreal is constituted from a web of relationships of sociocultural spaces, temporalities and memories that coexist, combine and connect in a heterotopic way. The heterotopias formed in the processes of writing and friendship in a Cuban restaurant in Montreal and in the body of an immigrant, who carries tattoos about a common migratory imaginary, are analyzed. We start from the assumption that heterotopic spaces can be transformative in the sense that Cuban migrants show how they define their life coordinates and their practices of re-existence, even amid various constraints.

Keywords: experience; heterotopia; migration; Cuba; Montreal.

Introdução

A dinâmica migratória cubana, outrora marcada por conflitos políticos bilaterais, processos de transformações internas em Cuba e crises específicas, tornou-se uma parte cada vez mais essencial do modo de vida cubano ao longo do último meio século, configurando uma cultura migratória que é hoje parte da identidade cubana, cada vez mais transnacionalizada. A naturalização da migração como projeto de vida em Cuba e as recentes mudanças no posicionamento “positivo” do governo em relação à comunidade da diáspora geram conflitos com a permanência no imaginário cubano de um conceito de emigrantes como inimigos do regime e do povo cubano, ideia que vem sendo disseminada pelo discurso dominante nas esferas públicas cubanas (HERNÁNDEZ, FAZITO, 2019).

Entre 2 a 3 milhões de cubanos estão fora da ilha atualmente, vivendo principalmente nos Estados Unidos, o que representa em torno de dez por cento da população atual do país (AJA *et al.*, 2017). No entanto, o padrão tradicional de migração “sem retorno” para Miami, sobretudo por via marítima, está sendo transformado recentemente por uma diversificação de rotas e

destinos, especialmente após a reforma migratória cubana de 2013 e do fim da política americana que recebeu o nome de “pés molhados, pés secos” em 2017⁴. É nesse contexto que nos interessa examinar as características da comunidade cubana em Montreal, uma das principais cidades de assentamento diaspórico cubano no Canadá, o quinto maior destino dos migrantes da ilha (AJA *et al.*, 2017; ARBOLEYA, 2015).

A partir dessa tendência recente de diversificação e de mudanças nos padrões migratórios cubanos e com o objetivo de ampliar o campo de estudos deste fenômeno (para além da migração histórica Cuba-EUA), escolhemos Montreal por ser uma das principais cidades de assentamento do Canadá e por apresentar uma grande diversidade de perfis migratórios (diferentes gerações e categorias de admissão migratória). Por algum tempo, o sistema de imigração do Quebec facilitou consideravelmente a admissão de trabalhadores qualificados, tornando-se o destino preferido de muitos profissionais do exterior. As estreitas relações entre Cuba e Québec também favoreceram o fluxo de pessoas entre as duas cidades, sobretudo relacionado à imigração por reunificação familiar (casamentos) e às demandas de refúgio, estendendo, assim, a presença de redes migratórias ao longo do tempo. Além disso, Quebec é a fonte de turismo mais importante para Cuba, a principal atividade econômica na ilha.

Desse modo, interessa-nos compreender como essa cultura migratória atravessa formas de vida e processos de politização dos cubanos e cubanas quando reconfiguram suas experiências em termos afetivos, espaço-temporais e narrativos. Em Cuba, o projeto de governo depois de 1959 é respaldado por uma apropriação do território e do controle dos corpos que o habitam, uma ideia fixa do espaço absoluto da nação como detentor de uma única possibilidade de existência, uma política como polarização ideológica marcada nas fronteiras da “praça sitiada”. Nesse sentido, optamos por nos aproximar de uma reflexão sobre o espaço, o tempo, a experiência e o poder que possa nos revelar formas outras em que seria possível construir formas de vida habitáveis.

Nesse viés, apresentamos aqui, sobretudo em diálogo com a obra de Michel Foucault, algumas ideias sobre o que entendemos como experiências

⁴A política norte-americana de “pés molhados, pés secos” (1996) concedeu automaticamente o status de “refugiados políticos” aos imigrantes cubanos. Tal política ofereceu, durante décadas, benefícios especiais aos emigrantes cubanos ilegais nos EUA até o governo de Barack Obama. Ver mais detalhes em: <<https://sgp.fas.org/crs/row/R40566.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2025.

heterotópicas na migração, ou *heterotopias migratórias*, as quais se apresentam nas formas de nos relacionarmos com os espaços que nos permitem existir para além dos lugares que nos foram designados. Entendemos que essas heterotopias migratórias são experiências ligadas às novas relações espaciais e simbólicas que emergem da reelaboração dos laços sociais na migração; nas temporalidades que são fragmentadas, múltiplas, cruzadas e justapostas, mas reinventadas a todo momento e de diferentes formas; nos espaços heterogêneos e contraditórios, onde a própria crise pode se tornar uma forma de vida que transforma os sujeitos e os seus modos de existir; são espaços, corpos, linguagens e materialidades que só existiriam pela invenção de uma vida migrante.

O conceito de heterotopias migratórias é uma proposição que fazemos, em diálogo com os textos de Foucault, além de autores que se dedicaram a entender a heterotopia como forma de experiência política e estética que abre a possibilidade de produzir um modo de vida baseado no cuidado de si e dos outros, distinguindo-se das práticas disciplinares de controle. Uma heterotopia migratória é fruto de uma agência contínua de sujeitos e grupos que produzem arranjos capazes de oferecer respostas a urgências, a situações de risco que, ao ameaçarem suas existências, requer que submetam suas vidas a uma transformação. Nesses arranjos contínuos da migração, ao mesmo tempo em que os sujeitos criam novas alianças e gambiarras, preservam articulações historicamente situadas entre saberes tradicionais, memórias e identificações associadas a múltiplos tempos e espaços.

De modo geral, a noção de *heterotopias* (FOUCAULT, 2004) *migratórias* se refere a espaços outros que são criados nos interstícios das redes de poder, nos arranjos e nas gambiarras que os migrantes vivenciam quando rompem o cerco de territorialidades controladas. A heterotopia mostra um conjunto de relações e lugar da experiência política de todos os espaços e corpos que encontramos fora do arquipélago da vigilância e se evidencia como uma forma de reinventar esse arquipélago e de transformar o mundo que habitamos. Os migrantes se deslocam através dos espaços, mas, ao invés de abandoná-los, passam a fazer parte de sua história de vida, na medida em que neles acontece uma transformação de si.

A partir dessa perspectiva, realizamos, entre os anos de 2019 e 2022, uma pesquisa de campo junto a imigrantes cubanos na cidade de Montreal, Canadá, a fim de escutar seus relatos e, por meio de uma escuta hospitaleira, apreender algumas heterotopias migratórias por eles elaboradas. Um dos

espaços de pesquisa é um restaurante cubano de Montreal, onde encontramos cubanos com diversas identidades sexuais, raciais, religiosas e migratórias, amigos e clientes que visitam o local frequentemente e estabelecem ali experiências diversas. A segunda espacialidade que trazemos para este artigo é o próprio corpo de um dos migrantes com o qual conversamos, uma vez que a pele tatuada se torna mapa político e afetivo para a construção de heterotopias. A seguir caracterizamos as experiências heterotópicas como processos relacionais que possibilitam formas outras de vida e modos outros de habitar os espaços.

Experiência e Heterotopia: em busca da potência de transformação da existência

De acordo com Philippe Sabot (2006), a questão da *experiência* pode ser localizada desde os primeiros trabalhos de Michel Foucault, como a introdução feita à tradução inglesa de *Normal and the pathological* (1943-1966) em 1978, obra clássica de Georges Canguilhem, e sua posterior transformação em 1985 no artigo *La vie: l'expérience et la science*, que integrou um dossiê especial dedicado a Canguilhem. Esses textos evidenciam a influência que a filosofia da experiência teve sobre o pensamento de Foucault, especificamente durante a chamada “etapa arqueológica” de sua obra, consolidada na década de 1960.

Conforme Sabot (2006), a noção de “experiência limite” é relevante para compreender a proposta epistemológica de Foucault, revelando também as influências do pensamento de Nietzsche, de Bataille e de Blanchot na própria abordagem foucaultiana da *experiência* (SABOT, 2006, 2012; SAUVÊTRE, 2017; LAVAL, 2018). Sabot (2006, p. 301) afirma que essa “experiência limite” aparece na *Histoire de la folie* em relação com “o fulgor das experiências singulares”, cujo ponto em comum põe em jogo outro tipo de verdade, não referente a uma determinação positiva, mas à relativização de todas as experiências históricas da loucura.

Por outra parte, Pierre Sauvêtre (2017, p. 10) destaca que o que a *experiência limite* designa na pesquisa de Foucault são as “formas estruturais da experiência” em contraposição à “experiência vivida” (*expérience vécue*). Sob esse viés, Foucault não se refere apenas às *experiências limite* (como a loucura, a doença, a morte, o crime, a sexualidade, etc.), que fundam os valores de um conjunto histórico ou cultural dado, mas também àquelas que

encontram suas condições de possibilidade ou seu fundamento além delas mesmas, nas grandes partilhas estruturantes desse conjunto. Isso é o que o próprio Foucault (1961, p. 653) nomeia, em *Histoire de la folie à l'âge classique*, como as “estruturas fundamentais da experiência”. Nesse sentido, os procesos de subjetivação alteram os quadros estruturantes da experiência, alteram suas partilhas e promovem o deslocamento para a ordem política do sensível. Assim, a história das *experiências concretas* revela-se como uma noção que oferece unicidade à obra foucaultiana, formando a materialidade do saber parte de um desejo permanente de transformação e evolução do pensamento, que é também uma busca por compreender e imaginar as mudanças sociais (GAVILLET, 2010).

Um texto de Christian Laval (2018) faz referência ao duplo uso da experiência na obra de Foucault para mostrar como a *experiência utópica*, ou *da alteração*, seria uma constante no percurso filosófico desse autor. Um primeiro uso desse termo estaria relacionado à tradição da historicização kantiana, *campos da experiência* constituídos pelas grandes divisões normativas de uma época (verdadeiro/falso, razão/loucura, o que pode ou não ser dito/feito, etc). Essa dimensão da experiência é o que está cristalizado nas instituições, nas formações do dispositivo (ainda que transitórias, mais ou menos estáveis), nos saberes constituídos que ditam as condições de possibilidade de um momento histórico dado.

Outra face da experiência em Foucault, pelo contrário, é justamente aquela que permite “fugir das condições de possibilidade de uma época” (LAVAL, 2018, p. 109) a partir de uma transformação de si, dos modos de vida que definem o que somos, isto é, dos limites impostos à uma existência dada. Laval (2018, p. 109) refere-se a essa segunda dimensão como um “gesto da transgressão”, a transposição de um limite espaço-temporal, que substitui a ideia de que uma transformação social só pode ser fruto de um “movimento das contradições”, uma visão erguida pelo pensamento marxista. Trata-se do que Laval chama de *experiência utópica*, a qual designa uma *experiência da alteração*, o que significa “ir em direção de algo que é completamente diferente” (LAVAL, 2018, p. 105). Essa ideia aparece na obra de Foucault sob diferentes formas pessoais e coletivas através do uso de diversos nomes como “transgressão, resistência, insurreição, levante (...), todos esses termos como modalidades da experiência da alteridade” (LAVAL, 2018, p. 114). É ali onde esse autor localiza o fio condutor que permite integrar os três eixos do pensamento mencionado anteriormente. A originalidade dessa abordagem

está dada precisamente porque as duas concepções da experiência não se apresentam como opostas, mas complementares, de forma a apontar as limitações de um pensamento filosófico social que pode chegar a se esgotar numa utopia da liberação total e definitiva em direção a uma sociedade “mais justa”.

O que Foucault buscava fazer desde o início, de acordo com Laval (2018), é uma “história das experiências”, a fim de restituir a contingência histórica que permitiria mostrar as possibilidades de transformação de umas condições dadas. Desvelar, a partir das rupturas, os arranjos possíveis. Assim, “a experiência escapa a qualquer fundamento transcendental para ser remetida à ordem de uma constituição histórica, ou seja, ao limite, à necessidade imperiosa de sua transformação” (SABOT, 2006, p. 303). Nessa perspectiva de Foucault, a experiência não é mais apenas aquilo que é aprisionado pelos saberes sob a forma de uma existência governada e presa nas relações de poder, mas também a força que impulsiona as transformações nas subjetividades, em direção a outras formações históricas e outros modos de vida.

Foucault define a experiência como a coragem de “arriscar não ser mais você mesmo” (2019, p. 29). Assim, experiências são realizadas a partir de ações transformadoras, alterando as condições de opressão por meio de arranjos que envolvem um processo de autocriação permanente. Na experiência “há sempre um equilíbrio instável, com complementaridade e conflitos, entre as técnicas que asseguram a coerção e os processos pelos quais o sujeito é construído e modificado por si mesmo”, geralmente com a ajuda dos outros (FOUCAULT, 2013, p. 39). Sob esse aspecto, acreditamos que a experiência migratória traz a necessidade de construir caminhos alternativos e rotas de experimentação para enfrentar as expectativas e ideologias dominantes que moldam as existências dos migrantes, transformando-as profundamente.

Nesses experimentos, as pessoas podem elaborar alternativas para criar um espaço habitável e possível de existência a partir de “operações heterotópicas pelas quais o corpo é arrancado de seu próprio espaço e projetado em outro espaço” (FOUCAULT, 2013, p. 12). Em uma conferência no *Cercle d'études architecturales* de Paris, em março de 1967, ao dizer que “a heterotopia tem o poder de justapor em um único lugar vários espaços, várias posições que são em si incompatíveis” (2004, p. 13), Foucault enfatiza que o conceito de heterotopia pode explicar, por exemplo, a confluência entre

os diferentes espaços da sociedade e como as relações neles baseadas definem as relações sociais dos indivíduos. “A heterotopia define, no sentido forte deste termo, uma experiência, ou seja, a trajetória de um futuro individual ou coletivo na medida em que se articula com um deslocamento topológico”. (SABOT, 2012, p. 10).

A heterotopia “evidencia a heterogeneidade dos lugares que podemos atravessar, que podemos habitar, que fazemos a experiência através de um movimento no espaço” (LAVAL, 2018, p. 118). Dessa forma, a concepção heterotópica é uma crítica à noção tradicional de utopia como um “espaço maravilhoso e liso”, compensador, confortável, consolador, “em detrimento do ato que transforma, da prática que altera, do gesto que contesta”, afirma Laval (2018, p. 117). Sua dimensão política se relaciona ao fato de que “a heterotopia, longe de consolar, ‘inquieta’, porque ela perturba o lugar comum contido na linguagem, ela atrapalha a distribuição habitual das coisas, não as coloca no lugar esperado, não para de perturbar a ordem das coisas pela desordem do discurso” (LAVAL, 2018, p.180).

Sob esse viés, a experiência heterotópica pode produzir um modo de vida baseado no cuidado de si e dos outros, de modo que submete a vida a uma transformação, ao mesmo tempo em que reconhece que a experiência se dá na articulação historicamente situada entre um regime de verdade (saber), uma forma de governamentalidade (poderes) e uma prática centrada no eu (subjetivação).

Heterotopias migratórias e experimentações para formas de vida possíveis

A noção de heterotopia migratória se associa à heterogeneidade das relações com os espaços simbólicos e de deslocamento, que se configuram e se reconfiguram constantemente nos processos de migração e comunicação, colocando em movimento uma rede de alianças e experiências voltadas para a transformação e para a re-existência. Uma heterotopia migratória não é sinônimo de busca por um “paraíso”, uma vez que sua criação nunca está dada de antemão e envolve a compreensão das assimetrias de poder que permeiam a vida dos migrantes, de seus familiares e amigos. As possibilidades de criação de espaços e novos vínculos emergem entre as práticas cotidianas e os imaginários historicamente situados, compreendendo

que há sempre uma série de desigualdades que amplificam as condições de vulnerabilidade dos migrantes.

Nesse âmbito, a heterotopia migratória não é apenas um lugar de solidariedade utópica entre sujeitos deslocados e sós, mas também é o lugar outro que faz ecoar as formas de vigilância e controle já conhecidas e onde a nova forma de vida do migrante é desenhada. Ao mesmo tempo, os espaços para os quais os migrantes se deslocam e os quais habitam são articulados em novas relações dialéticas que abrangem temporalidades capazes de conformar a história de vida do migrante, promovendo narrativas seguras e contraditórias, reais e imaginadas, na empatia e no conflito.

Acreditamos, junto com Jonhson (2013) e Laval (2018), que o conceito de heterotopia pode operar como uma lente com a qual é possível considerar uma experiência e suas experimentações, tal como ocorre no processo migratório, como um fenômeno relacional, político e comunicacional particular. O próprio Foucault menciona que uma heterotopia é um trabalho, uma operação incessante de busca por novas rotas, desvios, coexistências, justaposições e criações de passagens, travessias, atalhos inesperados, impensados, não controlados por esquemas preconcebidos de constrangimento. “As heterotopias iluminam assim campos espaciais imaginários, um conjunto de relações que não são separadas das estruturas e ideologias dominantes, mas vão contra a corrente e oferecem linhas de fuga (...)” (FOUCAULT, 1987, p. 76).

Segundo Teresa Davis (2010), os deslocamentos que configuram a experiência migrante dão origem a um tipo de “*lived collage*”, em que temporalidades e espacialidades se cruzam e interagem, formando uma heterotopia. Para a autora, a heterotopia é um trabalho paciente de elaboração de uma nova forma de vida, indo além da composição de tempos e espaços, pois é criada enquanto se vive, no uso do corpo, das interações, das alianças que sustentam a sobrevivência cotidiana. Não se trata, como mencionamos, de descartar as forças de dominação, mas de imaginar rotas possíveis, não formuladas a priori, de investir em uma operação paciente e ética de sedimentação das experiências que estruturam o mundo que nos cerca como um arranjo material e institucional que condiciona nossos atos e possibilidades de vida.

A nosso ver, uma heterotopia migratória pode também expressar a composição de uma prática de liberdade, movida pela criação de arranjos, pela combinação de elementos, gerando novos efeitos, experiências,

aberturas e perigos; configurando uma rede e indicando a possibilidade de novas alianças. As “alianças heterotópicas” (JOHNSON, 2013, p. 800) são mais lúdicas e experimentais em sua força política, desafiando o utilitarismo neoliberal a partir de gambiarras que abrem brechas para outro imaginário político.

Nosso entendimento acerca das heterotopias migratórias se associa fortemente ao fato de que, em nossa pesquisa de campo, percebemos como os cubanos agem através de experimentações de gambiarra, que caracterizam esses processos de sobrevivência e reconstituição de formas de vida heterotópicas que atuam contra as opressões institucionais e sociais. Tais gambiarras produzem arranjos, articulações e táticas de ação que podem ajudar os migrantes a burlar, desviar, fazer vazar ou alterar o sentido de linguagens, usos e práticas que geralmente os oprimem. Assim, consideramos que “a gambiarra, no esforço de integrar fragmentos e elementos, ainda que díspares, para que formas e funções se cumpram, realiza arremedos inovadores” (SEDLMAYER, 2017, p. 65) em situações de conflito, de urgência, de limitação de opções, nas quais a imaginação é fortemente requisitada contra um quadro consensual e hierárquico de usos e significações dos objetos. A concepção da gambiarra e sua execução também articula uma rede de agenciamentos e forças díspares para dar resposta a um problema, ou seja, a gambiarra pode atuar “como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 1977, p. 2).

Essas proposições foram por elaboradas através da realização de uma pesquisa de campo, realizada entre os anos de 2019 e 2022, junto a dez imigrantes cubanos que hoje vivem na cidade de Montreal, Canadá. Nosso intuito foi o de realizar entrevistas qualitativas que permitissem a elaboração e a partilha de seus relatos de vida, suas astúcias, resistências e práticas cotidianas de sobrevivência. Um dos espaços de pesquisa que compôs nosso corpus foi um restaurante cubano em Montreal, onde encontramos cubanos de diversas identidades sexuais, raciais, religiosas e migratórios, amigos e clientes que visitam o local frequentemente e estabelecem ali vínculos e alianças geralmente duradouras. Outro grupo de cubanos com os quais interagimos era mais homogêneo e não faz parte do público do restaurante. São pessoas altamente qualificadas que emigraram como profissionais e cujas famílias mantêm uma relação de amizade em torno de um grupo de WhatsApp de mais de 40 integrantes.

A partir desse breve desenho do percurso de nossa pesquisa, propomos neste artigo uma reflexão mais detida acerca de duas experiências migratórias heterotópicas específicas: as relações configuradas em torno de um restaurante cubano em Montreal e as grafias que cobrem o próprio corpo de um imigrante cubano que, ao falar de suas tatuagens, comunica uma história que faz parte de um imaginário migratório comum. A escolha dessas duas experiências heterotópicas se deve ao fato de que, em ambas, a escritura (nas paredes do restaurante e na pele que reveste o corpo) é parte de um trabalho de elaboração de uma nova forma de vida e revela não apenas as transformações que vivenciaram, mas também suas táticas para se apropriarem de aspectos de diferentes culturas, dedicando-se a um trabalho inventivo que busca elaborar e justapor outros espaços possíveis de experiência dentro de sociedades desconhecidas.

O restaurante de Ale: uma vereda Cubana na aridez do cotidiano migrante

Ale tem 49 anos e é chef e dono de um restaurante cubano em Montreal, o *La Cecília*. Originário de uma pequena localidade rural na região central de Cuba, saiu do país em 2010 para o Chile e, um ano depois, atravessou vários países até chegar em Montreal em 2011. Sua petição de asilo político foi negada, mas ele obteve a residência permanente canadense ao se casar com seu companheiro, de origem Filipina. O restaurante de Ale pode ser visto como uma heterotopia, porque é um espaço onde os cubanos recriam suas formas de vida “numa série de relações que delineiam lugares decididamente irreduzíveis entre si e que não podem ser sobrepostos” (FOUCAULT, 2004, p. 14), além de pensarmos que é mais a experiência heterotópica da migração que fez esse lugar existir. O nome do restaurante replica o de um restaurante bem conhecido em Havana (em uma zona nobre da cidade, Miramar), no qual o chef Ale trabalhou durante uma época. Nesse sentido, é um espaço investido de qualidades heterotópicas, contingentes, mostrando a superposição de lugares que, de outra forma, seriam incompatíveis (Cuba, Montreal, a casa da família cubana, as paredes escritas daquele restaurante icônico de Havana, o restaurante *La Cecilia* que fica em Havana também etc.). Porém, não são apenas os cubanos que visitam o local. Mensagens de imigrantes de outros países latino-americanos também podem ser lidas nas

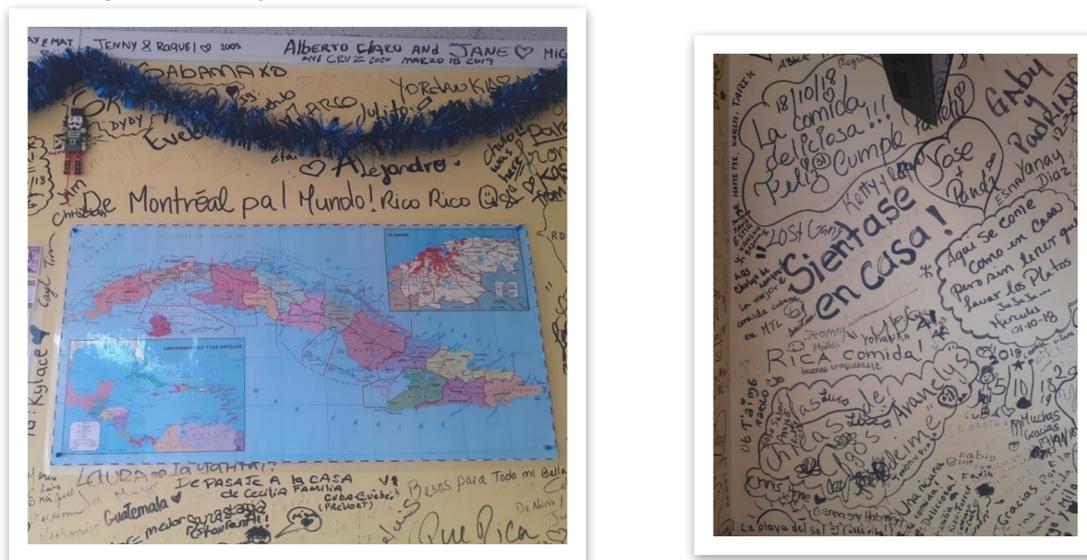
paredes. Assim, há em Montreal lugares com outra dimensão espacial da diáspora latina.

Figura 1. Fachada do restaurante cubano em Montreal, La Cecilia



Fonte: imagem feita pelas autoras

Figura 2. Imagens das paredes do restaurante cubano em Montreal, La Cecilia



Fonte: imagens feitas pelas autoras

As mensagens grafitadas nas paredes do restaurante, as visitas frequentes e as conversas rotineiras em torno de sua vida migrante e de sua identidade cubana constroem relações espaciais heterotópicas. A escrita permite a composição de uma cartografia afetiva, na qual o gesto de grafar a própria letra no espaço impulsiona o corpo a realizar um gesto reflexivo de inscrição. Aqui, podemos fazer uma associação entre a escritura e as técnicas de si, nomeadas por Foucault (1985) como práticas sociais, culturais e históricas que interagem com tecnologias de produção, tecnologias dos sistemas de signos e tecnologias de poder. Técnicas de si, a escrita e a amizade são práticas que permitem aos indivíduos efetuar certo número de operações sobre seu corpo, seus pensamentos, sua conduta, seu modo de ser;

buscando transformar-se e, assim, transformar as redes de relações que os constituem e os amparam.

Na escrita, há uma operação de exposição de vivências que são grafadas como atitude afetiva e crítica aos valores morais e às verdades instituídas, apontando para uma luta em defesa da dignidade, da justiça social e da solidariedade. Escrever nas paredes é um modo de articular o vivido em uma experiência compartilhável, inscrevendo-se e valorizando os saberes que amparam a experiência criada pelo corpo para enfrentar as dificuldades em interdependência. Segundo Foucault (1985), a escrita é uma prática de liberdade que revela como a formação autônoma do sujeito é um trabalho de construção e reconstrução constante e que atravessa os corpos dos indivíduos num processo contínuo de elaboração de si nas redes do saber e do poder. Sob esse aspecto, as práticas de escrita nas paredes do restaurante inventam e constituem uma heterotopia que nos revela um desejo de imaginar, inventar e diversificar o espaço e o tempo, assim como de abrir possibilidades múltiplas para diferentes formas de experiências e processos de subjetivação (JOHNSON, 2013; SOJA, 1995; GANDY, 2012; HETHERINGTON, 1997; GENOCCHIO, 1995).

Cubanos que imigraram para Montreal há cerca de duas décadas se encontram no restaurante, assim como outros cubanos mais jovens que chegaram recentemente à cidade. Muitos desenvolvem um vínculo de amizade que vai além da frequência habitual do local: um vínculo que reconfigura as redes de interdependência e amparo, alterando as condições de vulnerabilidade. Semelhante à escrita, a experiência da amizade é um evento político, o qual, para Foucault (1997, p. 136), articula afetos, põe em movimento “fidelidade, coleguismo, companheirismo, aos quais uma sociedade um pouco destrutiva não pode ceder espaço sem temer que se formem alianças, que se tracem linhas de força imprevistas”. Quando a amizade passa a ser base das interações de reciprocidade entre as pessoas no cotidiano, a norma social usual “é sacudida, intensidades afetivas a atravessam; ao mesmo tempo, a dominam e perturbam. [...] Estas relações instauram um curto-circuito e introduzem o amor onde deveria haver a lei, a regra ou o hábito”. (FOUCAULT, 1997, p. 137). É nesse sentido que as amizades representam um perigo para o controle institucional, pois, através delas, uma forma de vida pode encontrar desvios e caminhos outros para sua emancipação.

A experiência heterotópica da tatuagem: corporeidades migrantes e afetos políticos

No restaurante, um amigo de Ale também nos chamou a atenção por causa das várias tatuagens que trazia sobre a pele. Rolando (59 anos), mais conhecido como *El Yuma*⁵, ficou preso por um ano na base naval de Guantánamo ao ser capturado pelas autoridades americanas quando tentava sair de Cuba pelo mar, durante a crise migratória dos balseros em 1994. Ele morou por cerca de uma década em Miami e agora afirma que “não há lugar melhor no mundo do que o Canadá”. Embora seu pedido de refúgio não tenha sido aprovado no país, ele exhibe orgulhosamente uma tatuagem da bandeira canadense na lateral do pescoço. Ele também fala com nostalgia sobre a localidade rural onde cresceu em Cuba. Em sua panturrilha, há a tatuagem de um lagarto, que os amigos associam a um lugar popular de sua província de origem, “*La loma del caguayo*”⁶.

Figura 3. Tatuagens de El Yuma : bandeira do Canadá e animal da roça onde cresceu em Cuba



Fonte: imagens feitas pelas autoras

El Yuma nos faz ver o corpo migrante como um espaço em disputa na experiência migratória. Estando aqui e lá, na dupla presença e na dupla ausência, o corpo em movimento, em constante deslocamento é um corpo

⁵ El yuma é uma gíria cubana usada para se referir tanto a um lugar no exterior (principalmente os Estados Unidos, mas também a outros países não identificados), e utilizada como apelido para estrangeiros ou turistas em Cuba. O significado do termo indica um conjunto de valores vinculados ao bem-estar econômico e ao acesso a bens materiais que, nesse sentido, diferenciariam o modo de vida fora de Cuba da realidade dos cubanos na ilha.

⁶Palavra usada em algumas zonas rurais de Cuba para se referir a répteis, iguanas, lagartos. Disponível em: <<https://es.thefreedictionary.com/caguayo>> Acesso em: 13 jan. 2025.

regulado, perseguido, apressado, controlado, transformado e utópico quando se torna espaço outro. Nesse sentido, nos deparamos, no contexto desta pesquisa, com corpos migrantes que são também transformados no curso desta experiência. As corporeidades dos amigos de Ale que retecem seus vínculos no restaurante apresentam peles multicores, tatuagens e outros sinais e escrituras de tempos passados.

Dominique Roux e Russell Belk (2019) referem-se precisamente às tatuagens como “heterotopias corporificadas”, uma vez que elas não apenas servem para acompanhar os momentos-chave da vida, mas também demonstram a apropriação cuidadosa do corpo como uma cena estética, como aquele “outro espaço” ficcional de imaginação e representações que trazem o corpo de volta à ação. Para esses autores, as modificações feitas na pele alteram o corpo original e vão produzi-lo como “outro espaço”, que é diversamente desafiado, negociado e (re)apropriado. A transformação do corpo em uma heterotopia através da escritura da tatuagem torna-o um espaço mais habitável: um “novo” lar, onde migrantes podem se sentir mais alinhados com quem eles sentem que são.

Mudar o próprio corpo para que conte uma história é criar uma escrita singular, um relato de si como prática de resistência. Foucault (2003, 2004, 2014) traça uma abordagem da resistência por meio da modelagem da subjetividade a partir de uma ética da autocompreensão que busca questionar como as pessoas se submetem a técnicas de controle que gerenciam e reduzem a agência de seus modos de vida, configurando maneiras de construir identidades. A capacidade de autotransformação seria uma capacidade de autonomia, entendida como a dupla capacidade de refletir criticamente sobre as relações de poder-saber que constituíram a sua subjetividade e de se engajar em práticas de autotransformação que são também práticas de transformação coletiva. A autonomia seria, assim, um processo relacionalmente construído, porque sua conquista altera a posição do sujeito em suas redes de interdependência social e modifica a forma como se dá a expressão e a percepção de quando e como construir confiança na própria experiência. Isso auxilia o sujeito a perceber a validade e a legitimidade da própria trajetória de vida, além de ampliar formas de amizade e colaboração.

Foucault (2019) afirma que um sujeito não inventa as artes de se modelar que emprega, pois são sugeridas e impostas a ele por sua cultura, sociedade e grupos aos quais pertence. A relação reflexiva consigo mesmo é marcada

pela experiência e pela experimentação trazida pelos saberes, pelas práticas cotidianas e pelas relações de poder. Não há criação do eu fora das normas e enquadramentos que orquestram e definem as formas possíveis que um sujeito pode assumir. No entanto, a normatividade não permanece invulnerável diante do que Foucault (1990, 2013) define como “a criação de si”, ou seja, um trabalho constante e crítico de redefinição de quem somos a partir da recusa da identidade que é socialmente imposta a nós pelos discursos.

Considerações finais

Buscamos mostrar como a migração se torna uma experiência heterotópica que inaugura outras formas de vida possíveis. Ao mapear dois desses espaços outros, nos quais migrantes cubanos transformam suas formas de vida em Montreal, vimos como a experiência heterotópica da migração abre possibilidades outras de vir a ser. As escrituras por nós observadas evidenciam as possibilidades de se combinarem nas heterotopias elementos transgressivos com formas sutis de controle, a fim de produzir outro “modelo de ordenamento”, mais do que uma ruptura radical da ordem vigente. As heterotopias podem congregam tensionamentos de liberdade e opressão, mas Foucault insiste em dizer que elas podem “fazer diferença” ao lançarem luz sobre as múltiplas características dos espaços sociais e culturais, assim como podem inventar outras espacialidades e corporeidades através das práticas, gambiarras, arranjos e rearranjos que os sujeitos e grupos colocam em funcionamento em um contexto específico.

As gambiarras, como práticas geradoras de heterotopia no contexto migratório e de comunicação transnacional, nos permitem pensar nas heterotopias migratórias como experiências ligadas às novas relações espaciais e simbólicas que emergem da reelaboração dos laços sociais na migração; nas temporalidades fragmentadas, múltiplas, cruzadas e justapostas, que são reinventadas a todo momento e de diferentes formas; nos espaços heterogêneos e contraditórios onde a própria crise pode se tornar a base para a elaboração de uma forma de vida que transforma os sujeitos, os seus imaginários e seus modos de existir. Experiências heterotópicas migratórias envolvem alianças entre espaços, corpos, linguagens e materialidades que só existem pela invenção de uma vida migrante que expressa a “recusa do estatuto de sujeito em que se encontram.

A recusa da identidade imposta e de sua permanência” (FOUCAULT, 2019, p. 35). Sob essa perspectiva, abordamos a heterotopia como uma forma de experiência transformadora, repleta de intervalos nos quais as vidas são constantemente redefinidas diante de múltiplas forças de poder e criação. Ela permite uma reconfiguração do espaço, do tempo e das formas de viver e habitar, ativando um jogo de relações que abrange a heterogeneidade sempre tensa de temporalidades coexistentes e de espaços migratórios habitados e percorridos por migrantes cubanos.

Bibliografia

- AJA, Antonio *et al.* La migración internacional de cubanos: Escenarios actuales. Cuban International Migration: Current Scenarios, **Novedades en Población**, n. 13, v. 26, 2017.
- ARBOLEYA, Jesús. **Cuba y los cubanoamericanos, el fenómeno migratorio cubano**. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 2015.
- CDA, Center for Democracy in the Americas. **Cuban migration surpasses Mariel and Balseiro Crises combined**. publicado no 16 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.democracyinamericas.org/us-cuba-news-brief/2022-08-16/cuban-migration-surpasses-mariel-and-balseiro-crises-combined>
- DAVIS, Teresa. Third spaces or heterotopias? **Sociology**, v. 44, n. 4, p. 661-677, 2010.
- DEFERT, Daniel. Heterotopia: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles. In Michel Foucault. **O Corpo utópico, As Heterotopias**. São Paulo: n-1Edições, 2013, p. 33-55.
- FAZITO, Dimitri. **Desplazamientos sensibles**. XXXI Congresso ALAS. Anais... Montevideo, Dez. 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Le jeu de Michel Foucault. ORNICAR?**, no. 10, 1977 [online], (entrevista reproduzida posteriormente em *Dits et Ecrits*, tome III, texte n° 206, 1994).
- FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.77-81.
- FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico, As Heterotopias**. São Paulo, n-1 Edições, 2013.
- FOUCAULT, Michel. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.). **Ditos e escritos, v.5**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p.264-287.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e Escritos IV, Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1977] 2003, p.203-222.
- FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. **Empan**, v. 54, n.2, p. 12-19, [1984] 2004.
- FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: Foucault, M. **História da Sexualidade I. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. Friendship as a way of life. In: **Ethics: subjectivity and truth**, v.I (Ed. Paul Rabinow). New York: The new Press, 1997, p.135-156.
- FOUCAULT, Michel. **Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris : Plon, 1961.
- FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality**, Volume I: An Introduction, R. Hurley (trans.). New York: Vintage, 1990.
- FOUCAULT, Michel. Usage des plaisirs et techniques de soi. **Le Débat**, n. 27, p. 46-72, 1985.

- GANDY, Matthew. Queer ecology: nature, sexuality, and heterotopic alliances. **Environment and Planning D, Society and Space**, vol. 30, no. 4, p. 727–747, 2012.
- GAVILLET, I. Michel Foucault et le dispositif : questions sur l'usage galvaudé d'un concept. In : APPEL, V. et al (Eds). **Les dispositifs d'information et de communication : concept, usages et objets**, Bruxelles : De Boeck Université, 2010, p. 17-38.
- GENOCCHIO, Benjamin. Discourse, discontinuity, difference: the question of other spaces. In WATSON, Sophie; GIBSON, Katherine. **Postmodern Cities and Spaces**. Oxford: Blackwell, 1995, p. 35–46.
- HERNANDEZ, Elisa; FAZITO, Dimitri. La question migratoire à Cuba. **Revue française des sciences de l'information et de la communication** [online], 17, 2019.
- HETHERINGTON, K. **The badlands of modernity: heterotopia and social ordering**. London, Routledge, 1997.
- IRCC (IMMIGRATION, REFUGEE AND CITIZENSHIP CANADA). How Canada's refugee system works. <https://www.canada.ca/en/immigration-refugees-citizenship/services/refugees/canada-role.html> , 2019.
- JOHNSON, Peter. The Geographies of Heterotopia. **Geography Compass**, vol. 7, no.11, p. 790–803, 2013.
- LAVAL, Christian. Foucault e a experiência utópica. In FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana**, São Paulo: N-1 edições, 2018, p. 102-142.
- LOPES, Diego Kern. Heterotopias. **Revista do Colóquio**, no 3, p. 161-167, 2012.
- ONEI. **Anuário Demográfico de Cuba**, 2015. Disponível em: [https:// goo.gl/qb3dcM](https://goo.gl/qb3dcM)
- ROUX, Dominique; BELK, Russell. The body as (another) place: Producing embodied heterotopias through tattooing. **Journal of Consumer Research**, v. 46, n.3, p. 483-507, 2019.
- SABOT, Philippe. Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault. **Materialifoucaultiani**, v. 1, n. 1, p. 17-35, 2012.
- SABOT, Philippe. L'expérience, le savoir et l'histoire dans les premiers écrits de Michel Foucault. **Archives de Philosophie**, n. 69, v.2, 2006, p. 285-303.
- SAUVETRE, Pierre. Introduction : Une histoire des expériences du savoir. In : **Foucault pas à pas**, Paris : Ellipses, 2017, p. 3-10.
- SEDLMAYER, Sabrina. **Jacuba é gambiarra**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- SOJA, Edward. Heterotopologies : a remembrance of other spaces in the Citadel-LA. In WATSON, S. *et al.* (dir.). **Postmodern cities and spaces**, Oxford: Blackwell, 1995, p. 13-34.

Recebido em: 13/05/2023

Aceito em: 25/07/2024